


Dago Arena

# Duas Lágrimas



Ilustrações  
Emmy Dala Senta

 Pedro & João  
EDITORES



Dago Arena



# Duas Lágrimas

Ilustrações:  
Emmy Dala Senta



Pedro & João  
editores

**Copyright © Dago Arena**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

---

Dago Buim Arena

**Duas lágrimas.** Dago Arena. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 28p. 20 x 20 cm.

ISBN: **978-65-265-1545-7 [Impresso]**

**978-65-265-1546-4 [Digital]**

1. Arte. 2. Literatura para crianças. 3. Meio ambiente. 4. Amorosidade. I. Título.

---

CDD - 028.5

**Capa e projeto gráfico:** Emmy Dala Senta

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú - CRB - 8-8828

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito



Pedro & João Editores  
[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)  
13568-878 - São Carlos - SP  
2024

# Duas Lágrimas

Dago Arena

Ilustrações:  
Emmy Dala Senta



Vespe, uma vespa solitária,  
escolheu um lugar seguro para  
fazer sua toca. Era um pedaço de  
chão, nem muito duro, nem muito  
arenoso, escondido entre algumas  
moitas de grama rala.



Esfregou as patinhas, aprumou as asinhas, esticou bem o corpinho amarelo alongado, riscado com pequenas listras escuras, levantou a bundinha e começou a cavar antes do adormecer do sol.

Vespe cavava, cavava e cavava com as patas dianteiras. Com as traseiras, empurrava, empurrava e empurrava a terra retirada para fora do buraco.

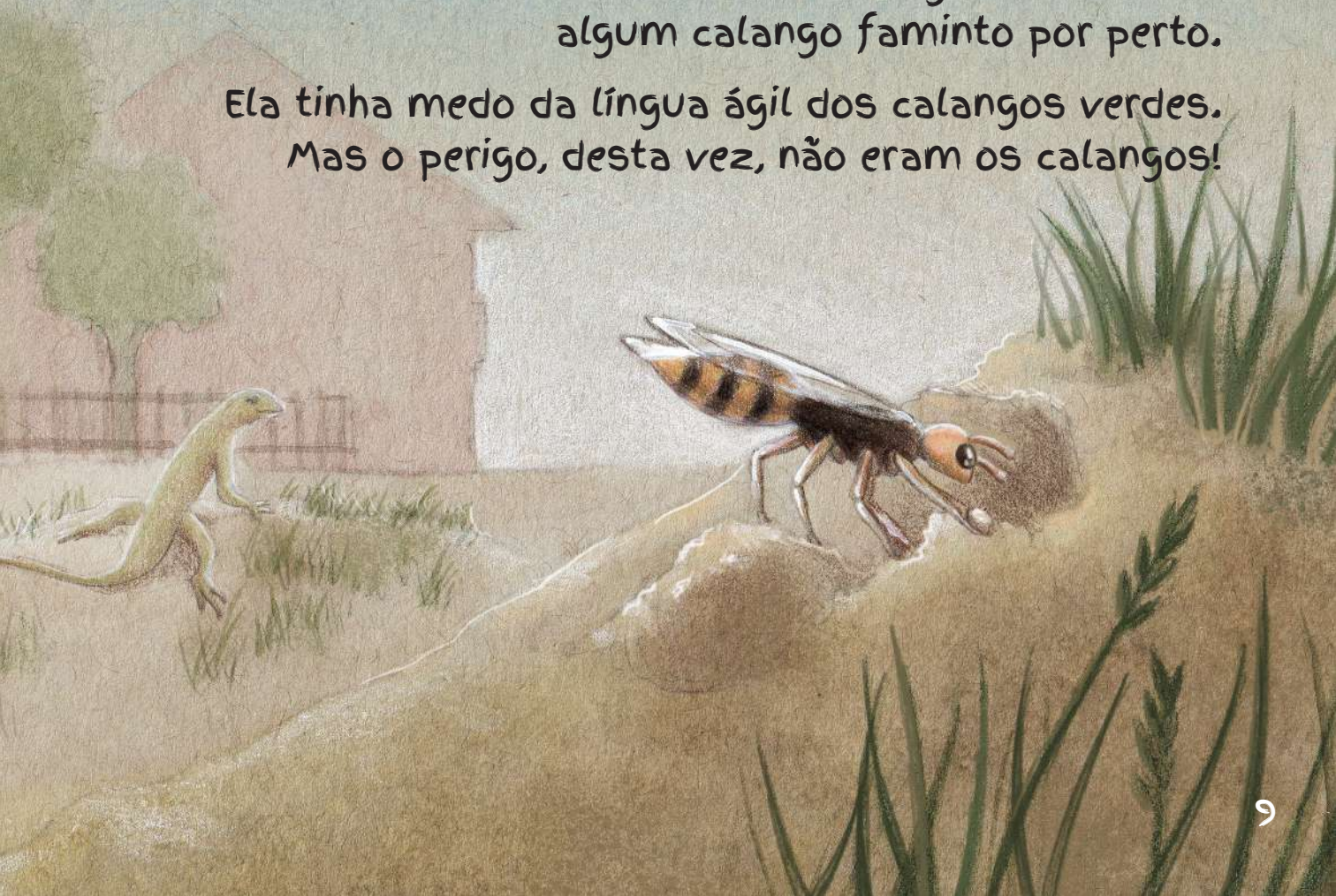




Para empurrar a terra retirada, voltava de ré, batia as patinhas traseiras por trás da bundinha e, ao mesmo tempo, arrastava a terra revolvida com as dianteiras.

Quanto mais o buraco ficava fundo, mais trabalhava. Ela nem via mais a luz do sol. Estava escuro lá dentro. Nem viu se tinha sol, se tinha chuva chegando, se tinha algum calango faminto por perto.

Ela tinha medo da língua ágil dos calangos verdes. Mas o perigo, desta vez, não eram os calangos!



Vespe percebeu que a areia se acumulava. Parou na porta do buraco, botou a bundinha amarela para fora e empurrou o montinho.

Seus olhos redondinhos viam restos frágeis de raios amarelos de sol a rasgar o escuro nascente. Logo nasceria Vésper, a estrela brilhante.

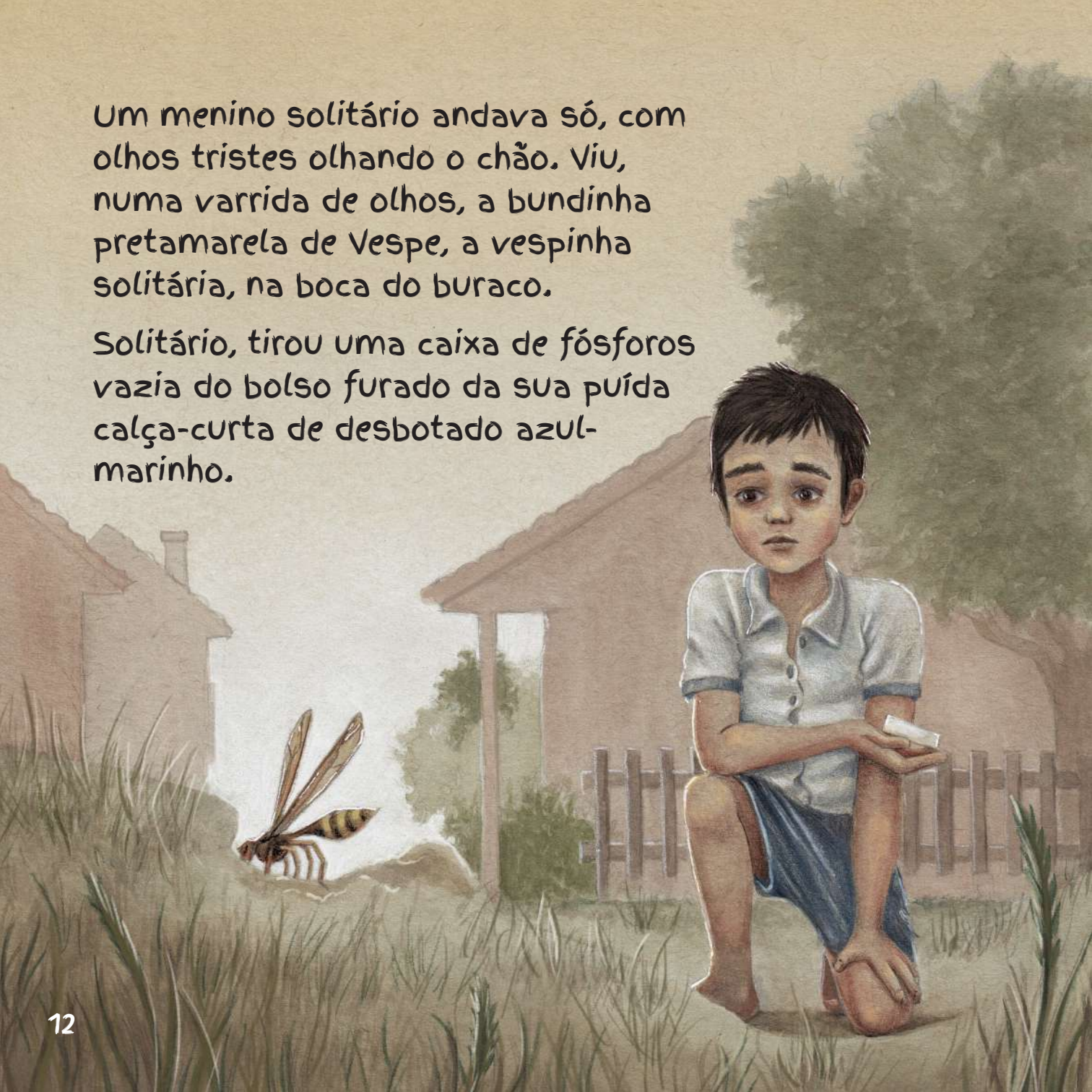
Ela não pressentiu que algo ruim iria acontecer!!



Como sou eu quem está inventando  
esta história, vou contar o que se  
passava fora do buraco. Vou contar  
tudo o que a vespinha de bundinha  
amarela não via.

Um menino solitário andava só, com olhos tristes olhando o chão. Viu, numa varrida de olhos, a bundinha pretamarela de Vespe, a vespinha solitária, na boca do buraco.

Solitário, tirou uma caixa de fósforos vazia do bolso furado da sua puída calça-curta de desbotado azul-marinho.



Ajoelhou-se, abriu a tampinha da caixinha e colocou-a na boca do buraco. Quando viu grãos de terra voando, já sabia que a vespinha estava vindo de ré, sem olhar para fora.

Solitário, planejou ouvir na sua cama, à noite, o zum-zum da vespinha bundudinha.

Vespe nem imaginava que havia uma armadilha a sua espera fora do buraco.



O menino era solitário.  
Vespe era solitária.  
Eram dois solitários em  
um encontro inesperado!

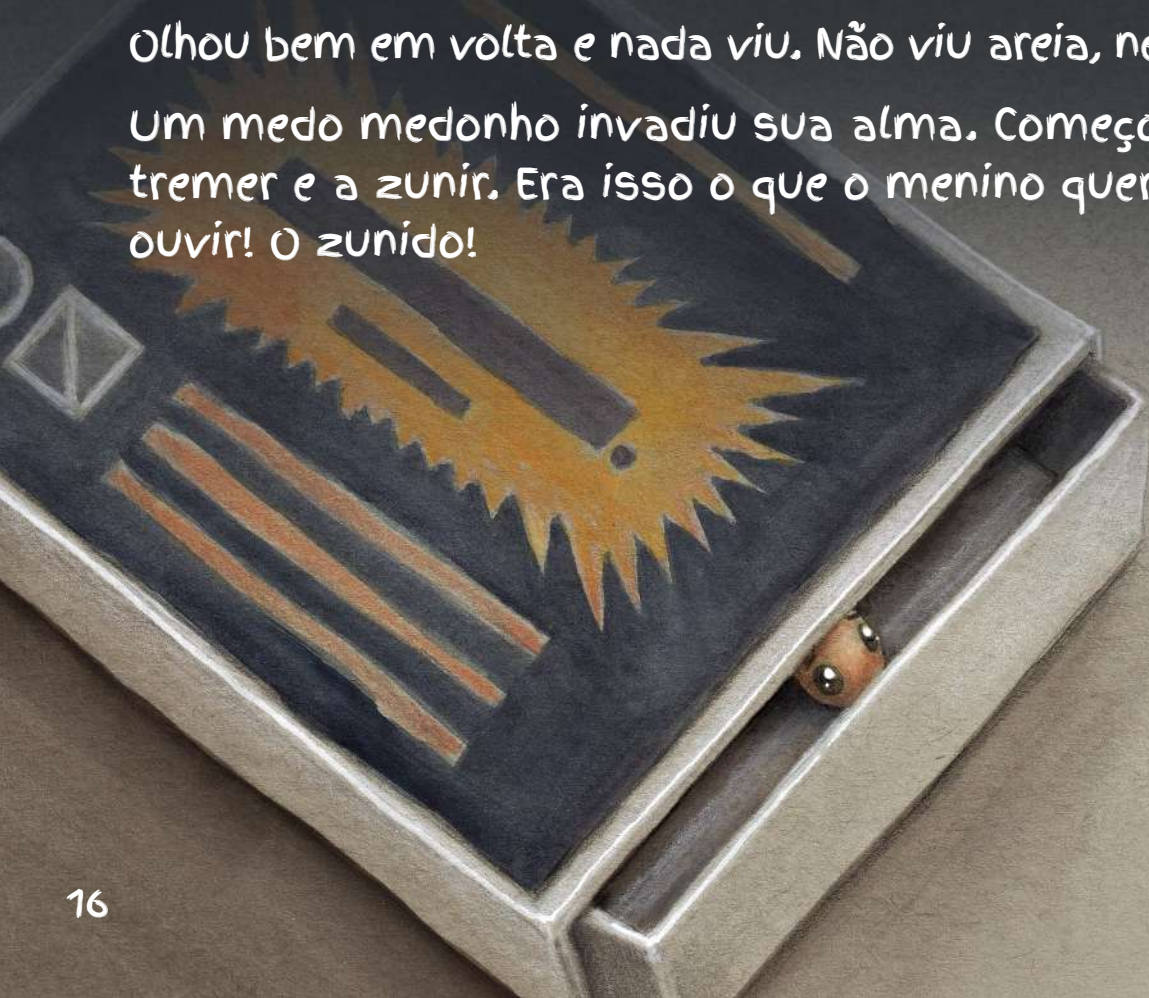
A armadilha

Grãosinhos de areia voavam com o empurrão das patas já cansadas da vespinha. Mais uma vez a bundinha amarela saiu do buraco. Depois vieram as asas transparentes. Logo, a cabeça.

Quando ela deu o último empurrão na areia, tudo ficou escuro.

Olhou bem em volta e nada viu. Não viu areia, nem buraco.

Um medo medonho invadiu sua alma. Começou a tremer e a zunir. Era isso o que o menino queria ouvir! O zunido!





O menino solitário pôs a caixa de fósforo no bolso da sua gasta calça-curta e voltou para casa.

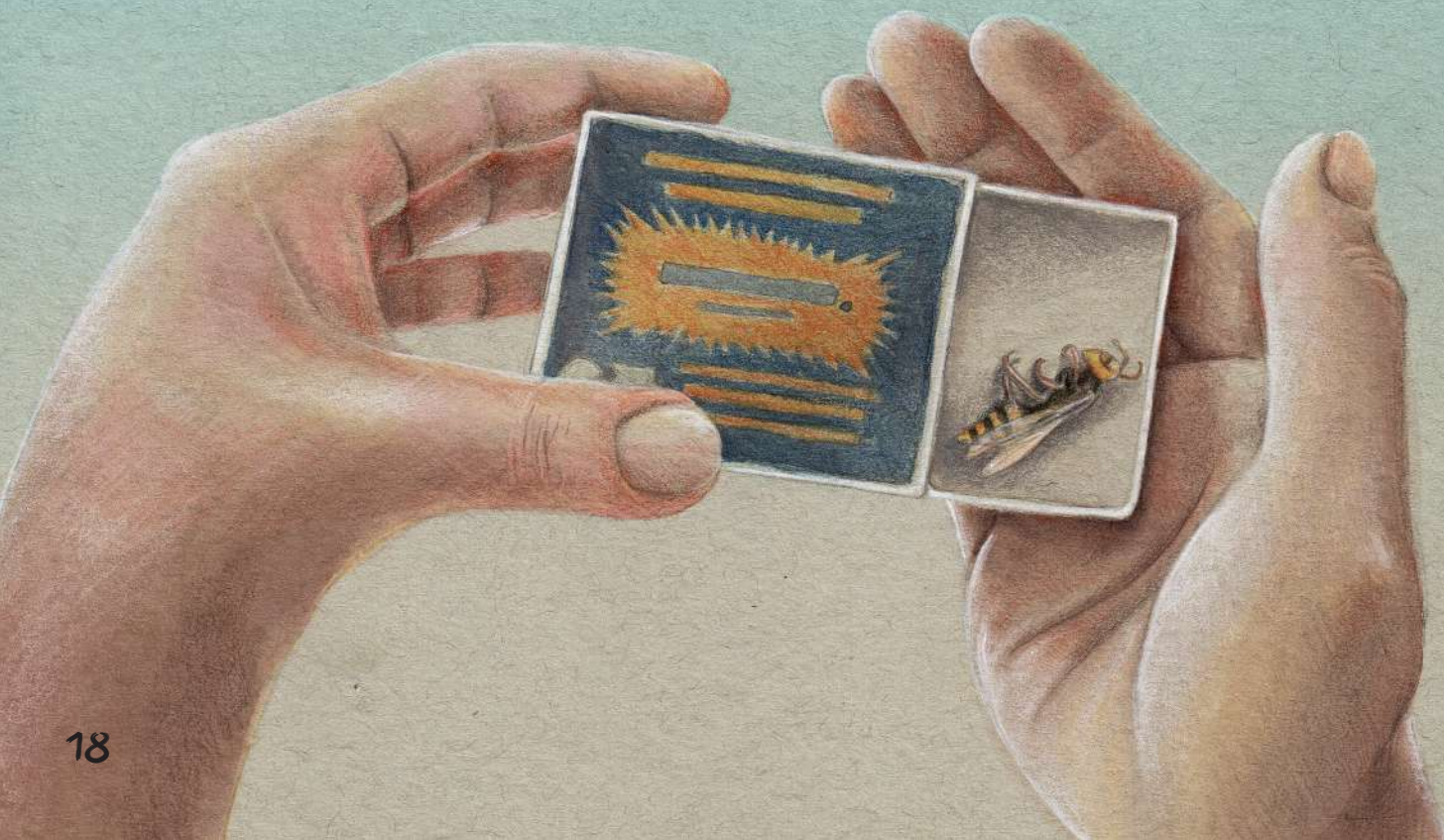
Vespe, a vespinha solitária, zuniu sem parar. Voou contra as paredes da caixa para encontrar uma saída. Nada descobriu. Nem uma frestinha por onde pudesse passar seu corpinho.

Cansada, encostou-se em um cantinho e adormeceu. Quando acordou, sentiu-se mole, sem forças nas patas, sem força para voar. Sentiu os sinais da morte.



Quando o menino acordou de manhã, pegou a caixinha que tinha deixado embaixo de sua cama. Encostou-a perto do ouvido. Não ouviu nada, nem um zum-zum. Nem um zum. Entristeceu-se. Sua nova amiga solitária não zunia mais.

Abriu a caixinha delicadamente. Viu Vespe com o corpinho voltado para cima, asas murchas, olhos fechados.



No quintal, abriu a tampa, sacudiu a caixa.  
O corpinho mole caiu no chão!

Uma onda imensa de tristeza invadiu a alma do  
menino solitário. Abaixou-se para olhar os olhos  
de Vespe, as suas patinhas, as suas asas, a sua  
bundinha pretamarela.

Ela continuou imóvel. Nem um zum-zum,  
nem um zum.



A tristeza cresceu, cresceu. O sentimento de solidão cresceu, cresceu. A tristeza escapou de seu peito, subiu delicadamente aos seus olhos e fez brotar uma lágrima solitária.

A lágrima solitária do menino solitário cresceu, escapou de um dos olhos, deslizou para o cantinho, escorreu pelo sulco do nariz, umedeceu os seus lábios e desabou sobre o corpo inerte da solitária vespinha bundudinha.

Vespe sentiu um frescor imenso penetrar seu corpo. Não sabia de onde vinha, mas era bom! Era energia pura, leve! Esfregou lentamente as patinhas, uma à outra, esticou bem devagar as asinhas, sentiu a luz do sol tocar suas pálpebras.



Levantou mansamente as pálpebras. Viu outra lágrima rolar dos olhos do menino solitário e deslagramar sobre ela.

Encharcou-se toda. Uma sensação de amor e vida espalhou-se por todo seu corpo e sua alma.

Abriu e fechou três vezes as pálpebras. Eram três sinais de agradecimento.



Levantou as asas, empinou a bundinha e  
soltou-se livre no espaço, solitária.

Quando subia, jogou seus olhos solitários  
em direção aos olhos do menino solitário.

Não viu lágrima alguma.

Notou apenas um terno brilho de  
discreta e solitária alegria.



## Biografia do autor



Dago Arena nasceu em Quintana, SP, em 1950. Quando criança, esperava, ansiosamente, que suas professoras pedissem que escrevesse histórias de suas aventuras pelas matas, pelos córregos e pelas ruas de sua pequena cidade. Nunca pediram. Apenas apresentavam as mesmas gravuras, ano após ano. Na lousa, escreviam a instrução: Composição à vista de uma gravura. Dago Arena aguardou o envelhecimento e o abandono das obrigações acadêmicas na UNESP, em Marília, para fazer o que não fez na infância: escrever histórias. **Duas lágrimas** é uma delas. Com ela, vêm os traços da meninice, os costumes rurais e os urbanos, misturados ao cotidiano da vida.



## Biografia da ilustradora



Émile (Emmy) Dala Senta é ilustradora com formação em design gráfico. Desde criança, tem paixão por desenhar - todas as crianças desenhavam, mas Emmy por algum motivo, mesmo depois de adulta, continuou. Pouco depois de concluir a graduação em 2013, decidiu que queria muito mais ilustrar do que fazer design corporativo, e aos poucos deixou de lado a carreira de designer para se dedicar inteiramente a contar em imagens as histórias de seus clientes. Atualmente, ilustra livros, jogos e produtos, se especializando em temas fantásticos, pessoas e natureza.







## Duas Lágrimas

A vespa tem ferrões para se proteger contra as ameaças dos humanos, de outros animais, de suas armadilhas e de suas táticas. Em *Duas lágrimas*, um menino e uma vespa se encontram. O que acontecerá neste encontro? O menino será uma ameaça? A vespa irá se defender? As relações serão de pavor ou de amor? As respostas estão bem guardadas dentro deste livro.

 Pedro & João  
editores

ISBN 978-65-265-1546-4



9 786526 515464 >